

JEJUM

Se quiséssemos resumir e condensar numa única expressão o ensinamento e a atividade de Jesus poderíamos dizer que **o amor que não se deixa condicionar pelas respostas do outro é a única maneira que o homem tem para liberar todas suas potencialidades e capacidades**. Quando esse processo se torna no homem continuado e progressivo, o conduz a uma plenitude de si mesmo que coincide com a plenitude divina. O homem **torna-se** então filho de Deus porque lhe assemelha na prática de um amor que continua a ser fiel ao outro (Jo 1,12; Lc 6,35). Fidelidade que não para diante do pecado mas que **mesmo por isso** continua demonstrando a qualidade de seu amor (Os 2), em sintonia com o amor de Cristo que **“enquanto ainda estávamos no pecado, morreu por nós”** (Rm 5,8).

Oposto à figura de Jesus, o evangelho apresenta o homem que, não querendo alcançar a plenitude humana por meio da prática do amor fiel, procura fazê-lo mediante a **prática religiosa**, como meio elevado a fim, e que se torna um alibi, um substituto e um obstáculo para sua plenitude divino/humana.

[Com **Religião** entendemos aquele conjunto de atitudes, desejos, aspirações do ser humano dirigidos à divindade para alcançar benevolência.]

Jesus nunca se cansa e nos alertar contra atitudes “religiosas” (Mt 23). Essas dão ao homem a ilusão de já ter alcançado sua plenitude, mas na prática paralisam o processo de crescimento.

Contrariamente aos mestres espirituais de seu tempo, Jesus deixa plena liberdade aos seus para a vida espiritual. Nunca impõe orações ou comportamentos particulares que distinguem o grupo. O “distintivo” da comunidade de Jesus não consiste em vestes ou objetos particulares para vestir e nem dá proibições ou regras higiênico-alimentares.

O único distintivo pelo qual conhecemos que uma pessoa pertence ao grupo de Jesus é um amor que se pareça cada vez mais ao de Deus. **“Nisso, todos saberão que são meus discípulos, se tiverdes amor uns para com os outros”** (Jo 13,35). Fazendo isso, **exclui** todo outro critério. A identidade de sua comunidade não se alicerça nas observâncias, leis ou cultos.

De fato, o que na realidade **distingue** é o que **aproxima** aos outros. Sabemos que todo distintivo (seja hábito, vestimenta, sinal de reconhecimento, culto, etc.) “distingue”, isto é, separa; o amor, que é uma linguagem universal, une.

Então, resguardado o compromisso de amar, o crente (discípulo de Jesus) pode se comportar em plena liberdade (Gal 5,13) usando sua discipulação com os instrumentos que acha necessários ao seu crescimento no amor, lembrando que, quando esses não são entendidos como meios para alcançar o único objetivo, que é o amor sempre mais gratuito e generoso para com os outros, mas como finalidades a si mesmos, obstaculizam o projeto de Deus sobre o homem, impedindo-lhe alcançar sua plenitude.

A esse respeito é interessante notar que no Novo Testamento (NT) o dicionário que sobre o qual preza o “religioso” não tem pegada alguma!

Non se fala de “**virtude**” (gr. Aretè) (somente em Fil 4,8, mas referida aos pagãos e não aos cristãos cf. 1Pd 1,3);

- “**sacro**” (gr. Hieros);

- “**sacrifício**” (fr. Thysia) Mt 9,13; 12,7; Mc 12,33; Lc 2,24; 13,1 sempre referido aos hebreus;

- “**culto**” (gr. Latreia) (somente Jo 16,2 em sentido negativo)

- “**veneração**” (gr. Trêskeia);

- “**devoção/piedade**” (gr. Eusebeia)
- “**piadoso**” (gr. Eusebio) At 10,2.7: para os pagãos [Cornélio e o soldado]
- “**obediência**” (gr. Upakouô) (nos evangelhos 5 vezes mas nunca referidos às pessoas: sempre a elementos nocivos e contrários ao homem: vento e mar (Mt 8,27; Mc 4,41; Lc 8,25), espíritos imundos (Mc 1,27), ou coisas: amoreira (Lc 17,6)

Hoje um elemento da religiosidade está em alta: o **jejum**. Queremos confrontá-los com os dados do NT.

Fique claro que aqui não tratamos:

- do jejum voluntário de quem se priva de alguma coisa para devolvê-la a quem precisa;
- do jejum que metade da humanidade é obrigada a fazer por causas econômicas... (jejum que é nada chique e que, parece, não tem poder de comover o pai eterno...)
- jejum por motivos higiênicos-dietéticos;
- jejum prescrito pela Igreja, na sexta feira santa (SC 110)

Tratamos do jejum entendido como:

- ato religioso que quer ganhar algo de Deus (o perdão, uma graça, etc.) ou influenciar a vontade de Deus se tornando devoção dietética de um certo catolicismo burguês tão piedoso e superalimentado que, quem pode se permitir fazê-lo, junta o útil ao agradável: adquire-se brilho à própria auréola e no mesmo tempo – porque não? – a gente ganha em forma!

O jejum teve seu época de ouro, graças à interpretação de Mc 9,29: “**esse tipo de demônio não pode ser expulsado, a não ser pelo jejum e pela oração**”. Texto inexato, porque põe em primeiro lugar o jejum e depois a oração (a Vulgata diz: com a oração e com o jejum). Secundariamente a palavra “jejum” não está presente no texto original grego.

Ainda hoje há pessoas que insistem nesta interpretação para valorizar e obrigar o jejum religioso. Mas a maioria das bíblias usam esta expressão: “Essa espécie de demônios não pode ser expulsa de nenhum modo, a não ser pela oração.» (Ver Novum Testamentum Graece e The Greek New Testament que preferem os valiosos códigos Sinaítico, Vaticano, etc).

Porque foi colocado “**e com o jejum**”? Pela importância que tinha no monaquismo medieval.

No mundo grego

O Jejum é fruto da superstição: acreditava-se que em caso de luto os demônios que tinha causado a morte, pudessem ter poder sobre os parentes enquanto esses se alimentavam (Plutarco, Is. et Os. 26 (II 361^a), “**até que a alma dos mortos estiver ainda perto, no comer e no beber, deve-se temer uma infecção demoníaca**”. Portanto se jejuava durante a vigília fúnebre.

Antigo Testamento

No AT, o jejum – resíduo do culto cananeu dos mortos – é extremamente limitado. Não era considerado como uma prática ascética, mas como uma **manifestação visível de luto** e de dor (1Sm 31,13; 2Sm 1,12) e é obrigatório só num dia do ano, o dia da expiação dos pecados de todo o povo, e a renúncia ao alimento é só por aquele dia (Lv 16,29ss; 23,27ss; Nm 29,7).

No **judaísmo** posterior (antes e durante o tempo de Jesus), o jejum voluntário, semanal e mensal, se tornou um sinal distintivo dos hebreus, mas os profetas eram contrários:

“Vejam! Vocês jejuam entre rixas e discussões, dando socos sem piedade. Não é jejuando dessa forma que farão chegar lá em cima a voz de vocês. Vejam! O jejum que eu aprecio, o dia em que uma pessoa procura se humilhar, não deve ser desta maneira: curvar a cabeça como se fosse uma vara, deitar de luto na cinza... É isso que vocês chamam de jejum, um dia para agradar a Javé? O jejum que eu quero é este: acabar com as prisões injustas, desfazer as correntes do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar qualquer jugo; repartir a comida com quem passa fome, hospedar em sua casa os pobres sem abrigo, vestir aquele que se encontra nu, e não se fechar à sua própria gente. (Is 58,4-7; cfr. Gr 14,12).

De modo semelhante lemos um trecho daquilo que pode ser considerado o primeiro catecismo cristão, **O Pastor** (100-155) que depois inspirará a **Imitação de Cristo** de Tomás Kämpis: **“deus não quer um jejum inútil como esse: oferecendo esse tipo de jejum não faz nada pela tua santificação. A Deus deve oferecer um jejum diferente, isto é, não fazer nada de mal em tua vida...”** (Past. 54)

Novo Testamento

Jejum, um fenômeno bastante isolado no AT é quase inexistente no Novo Testamento. Com Jesus o jejum é fato superado e não temos indicações que os cristãos do 1º séc. se impusessem um jejum voluntário.

Paulo

Em suas cartas, Paulo nunca recomenda o jejum, mas o denuncia como ação contrária ao Espírito Santo, **“práticas de pouco valor”** (Col 2,18) afirmando com força que **“O Reino de Deus não é questão de comida ou bebida; é justiça, paz e alegria no Espírito Santo.”** (Rm 14,17);

“Se vocês morreram com Cristo para os elementos do mundo, por que se submetem a normas, como se ainda estivessem sujeitos ao mundo, normas como estas: «Não pegue, não prove, não toque»? Todas essas coisas se desgastam pelo uso. E essas proibições são preceitos e doutrinas de homens. Tais regras de piedade, humildade e severidade com o corpo têm ares de sabedoria, mas na verdade não têm nenhum valor, a não ser a satisfação de nossa soberbia” (Col 2,20-23).

Em 2Cor 6,5 e 11,27, Paulo enumera o jejum entre os **perigos** enfrentados durante sua missão:

“Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos. Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho.” (11,26-27)

Igualmente em 6,5

“... açoites, prisões, desordens, fadigas, vigílias e jejuns”

e a única vez que Paulo convida à **“mortificação”** (no NT o verbo **mortificar** (gr. Nekroô encontra-se só aqui), não fala de jejum nem associa a mortificação para obter a benevolência ou o perdão de Deus, mas é um convite a matar (fazer mortos) aquelas atitudes que provocam dano ao próximo: fornicção, imoralidade, paixões, maus desejos, ganância (Col 3,5).

Também a palavra jejum está ausente nas outras cartas católicas; daí deduzimos que esta prática, herdada do judaísmo, não teve sorte com as primeiras comunidades cristãs e não está presente na catequese primitiva.

Evangelhos

O tema jejum está totalmente ausente em **João** e marginalmente presente nos **Sinóticos** e Atos.

Marcos

No evangelho mais antigo, se fala uma só vez do jejum e para negá-lo:

Os discípulos de João Batista e os fariseus estavam fazendo jejum. Então alguns perguntaram a Jesus: «Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus fazem jejum e os teus discípulos não fazem?» (Mc 2,18-22)

Entendido como distintivo da vida espiritual, as pessoas ficam escandalizadas vendo o grupo de Jesus não praticar o jejum, diferentemente de como faziam os discípulos dos fariseus e de João Batista. Se pergunta se de fato Jesus seja um mestre, e como tal deveria oferecer um programa de vida ascética para seus seguidores.

“Jesus respondeu: «Vocês acham que os convidados de um casamento podem fazer jejum enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo está presente, os convidados não podem fazer jejum.”

O jejum consiste em se privar do alimento, fator de vida, então significa uma renúncia à vida, um se aproximar à morte. Isto não condiz com a plenitude de vida que Jesus veio trazer. Plenitude que exclui categoricamente qualquer limitação.

A questão então não está no **“dever”** ou não jejuar, mas em **“poder”** jejuar. Seus discípulos não jejuam porque **não querem**, mas porque **não podem** e Jesus explica logo.

Os amigos íntimos do esposo, que participam da alegria do amigo, não podem se dar a manifestações de luto.

O jejum não é mais um expressão adequada para aqueles que querem viver a nova realidade proclamada por Jesus: se o jejum servia para conseguir o perdão, esse já foi concedido (Jo 15,3), e portanto, acabou a necessidade de expiação, se foi para sempre o motivo religioso do jejum e fica supérflua toda expressão de tristeza e luto. A nova proximidade de Deus em Jesus tira ao jejum sua finalidade de garantir o favor divino que é dado pela adesão a Jesus, e o espírito de Deus **sopra onde quer** (Jo 3,8) não onde pretendemos segurar com jejum ou práticas semelhantes.

Na comunidade cristã, a certeza do perdão e a experiência do amor de Jesus – que é o de Deus – excluem todo motivo de tristeza e com isso sua expressão no jejum.

“Mas vão chegar dias em que o noivo será tirado do meio deles. Nesse dia eles vão jejuar. “

O dia (ao singular) em que Jesus será assassinado, seus amigos jejuarão como momentânea expressão da dor causada pela sua morte. A expressão usada pelo evangelista **“aquele dia”** (gr. Ekeinê tê êmera) exclui a repetição. É uma manifestação espontânea de luto que nasce do interior sentimento de tristeza, e não uma prática ascética imposta por obrigação ou estabelecida como sistema.

“Ninguém põe um remendo de pano novo em roupa velha; porque o remendo novo repuxa o pano e o rasgo fica maior ainda. 22 Ninguém coloca vinho novo em barris velhos; porque o vinho novo arrebenta os barris velhos, e o vinho e os barris se perdem. Por isso, vinho novo deve ser colocado em barris novos.

Jesus aponta a incompatibilidade entre um sistema baseado na ascese pessoal e naquele que Ele veio propor. Na nova realidade do Reino não podem conviver métodos antigos, mesmo se venerandos: o Reino de Deus cria um novo modo de vida, sem precedentes, muito poderoso para ser contido em estruturas do passado, aliás toda semelhança com o antigo parece suspeita.

Mc 8,3

No episódio da “multiplicação dos pães” (melhor “o milagre da partilha”) encontramos mais uma única vez e tema do jejum:

“Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que está comigo e não têm nada para comer. Se eu os mandar para casa sem comer, vão desmaiar pelo caminho, porque muitos deles vieram de longe.” (Mc 8,2-3)

Jesus, não acha o jejum um valor, mas um fator negativo, então não tolera que as pessoas jejuem e ainda menos por sua causa. Então... multiplica os pães!

Mateus

Segundo Mateus, Jesus foi conduzido pelo Espírito no deserto para ser tentado pelo diabo, **após ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome** (Mt 4,1-2)

Esses quarenta dias não entram na prática do **jejum** que, como viemos antes, era de um só dia ao ano ou de duas vezes na semana para os mais devotos.

O relato de Mateus lembra o jejum de Moisés no Sinai (Ex 34,28; Dt 9,9), e poderíamos defini-lo um “collage” de expressões do livro do deuterônomo. Mateus escreve para cristãos judeus e apresenta Jesus como o novo e definitivo Moisés, mas superior a ele: Moisés jejuou para se preparar à revelação divina; Jesus não pretende favores divinos nem precisa. O **Espírito de Deus**, dom por excelência, lhe foi comunicado no batismo (Mt 3,16-17) e se prepara a manifestá-lo.

O evangelista colocando também **quarenta noites** (por si não necessário à compreensão do texto) sublinha que não se trata de um jejum ritual ou devocional (como tal teria acabado no anoitecer). Mateus quer dizer aos judeus que Jesus não é inferior a Jesus, e mesmo enfraquecido fisicamente, vence sem dificuldades o satanás. Portanto, Jesus não cumpre uma obra de ascese (nunca se dirá, pra frente, que Jesus tenha jejuado nem que fosse por um dia só, nem quando era obrigatório ou devocional), mas é fiel à sua missão mesmo em circunstâncias extremas.

(**Lucas**, no mesmo episódio (Lc 4,1ss), até evita o termo técnico religioso “jejum” e prefere usar a expressão do livro do êxodo (34,28) **“não comeu nada naqueles dias”** (Lc 4,2). O evangelista quer assim sublinhar que o sustento da vida de Jesus era sua fidelidade ao compromisso que iria leva-lo até à morte)

Reencontramos o tema do jejum no cap. 6 (Mt 6,16-18):

“Quando vocês jejuarem, não fiquem de rosto triste, como os hipócritas. Eles desfiguram o rosto para que os homens vejam que estão jejuando. Eu garanto a vocês: eles já receberam a recompensa. Quando você jejuar, perfume a cabeça e lave o rosto, para que os homens não vejam que você está jejuando, mas somente seu Pai, que vê o escondido; e seu Pai, que vê o escondido, recompensará você.”

Para compreender isso nunca esqueçamos que Mateus escreve a uma comunidade de judeus crentes que com delicadeza e firmeza os ajuda se desligar do mundo de seus ancestrais para leva-los a aceitar o Reino do Pai proclamado por Jesus.

Os fariseus eram os grandes mestres da espiritualidade do mundo judaico. Jesus pretende preservar sua comunidade do **fermento deles** (Mt 16,6) o egocentrismo que tudo polui:

Porque vos digo que se vossa fidelidade (justiça) não for superior á dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino de Deus.

O legalismo que se contenta em observar os preceitos é insuficiente; Jesus ataca o que era a tríplice coluna da espiritualidade farisaica e definida como a **obra boa** por excelência: **esmola – oração – jejum**.

Aos seus, Jesus não aconselha nem proíbe a prática destas obras, mas deixa livres de escolherem os meios espirituais que querem e corrige a tendência farisaica de “dar o exemplo” e a prática dessas obra piedosas só para ganhar prestígio diante dos homens (Mt 6,1-6; 16-117)

Esmola

À esmola, vista pelos grandes mestres como ato digno dos merecimentos diante de Deus, Jesus contrapõe a partilha dos bens (Mt 19,21).

Dar esmola significa manter as distâncias e uma dependência entre quem dá e quem recebe. A partilha anula essa distância e cria uma relação de pares, de fraternidade.

Jesus denunciará a escandalizada indignação dos seus discípulos diante da mulher que em Betânia o ungiu com um perfume caríssimo (Mt 25,6ss): “**Podia-se vende-lo a um bom preço e doar aos pobres!**” Os seus discípulos ainda não compreenderam que aos pobres não se dão coisas, mas nós mesmos!

Jesus – que nunca fez esmolas nos evangelhos – não convida os seus a fazê-la, mas – deixando total liberdade – pede evitar o aplauso das pessoas.

*[A expressão que encontramos em Lucas 11,41 **Antes, deem em esmola o que vocês possuem, e tudo ficará puro para vocês.**] não é dirigida aos discípulos mas aos fariseus como convite a ser coerentes com aquilo que acham prática apreciada por Deus. A expressão aparentemente semelhante e, esta vez dirigida aos discípulos, em Lc 12,33 “**Vendam os seus bens e deem o dinheiro em esmola**” é um convite a livrar-se (vendam) completamente dos seus bens e doá-los aos pobres e não um gesto ocasional de caridade].*

Oração

O mesmo vale para a **oração**: Jesus que nunca nos evangelhos reza nas sinagogas ou no templo, e nunca convidará os seus a fazê-lo, pede quando rezam não o faça publicamente para ostentar sua santidade e despertar assim a admiração das pessoas.

Jejum

Enfim o **jejum**. Como vimos, Jesus nunca praticou o jejum devocional e nunca convidou seus discípulos a fazê-lo, mas afirma que quem quer jejuar não o façam como exibição de sua ascese per ser louvado pelas pessoas.

Então são três as obras da espiritualidade farisaica que Jesus corrige, mas não propõe aos seus. (Mt 9,14 é o versículo paralelo a Mc 2,18-22 que analisamos antes).

Luca

No evangelho de Lucas o jejum já aparece no começo (Lc 2,36-37) como uma prática da espiritualidade judaica e pré-cristã: jejuava Ana, filha e Fanuel, a profetiza que nunca deixava o templo, aquele templo que Jesus, sem rodeios, chamava de “**espelunca de ladrões**” (Lc 19,46)

Lc 5,33-39

O episódio é paralelo a Mc 2,18-22 e vala a explicação que escrevemos antes.

Lc 18,12-14

A única vez que Jesus fala de jejum, neste evangelho, num contexto totalmente negativo: é o vaidoso fariseu da parábola que se gloria de jejuar bem duas vezes por semana, prática que, junto com a outra (pagamento do dízimo) está toda dirigida pra própria santidade e não ao bem do próximo, então completamente inútil para Jesus.

O evangelista trata o tema do jejum também nos **Atos dos Apóstolos**, nos capítulos 13 e 14.

“13,2 Estavam celebrando o culto do Senhor e jejuando quando o Espírito disse...”

O primeiro dado resulta insólito nos Atos: em nenhuma outra ocasião se menciona uma “liturgia” das comunidades. O termo “liturgia” aparece só uma vez em Lc 1,23, se referindo àquela celebrada por Zacarias; o termo portanto, tem uma conotação judaica. O jejum igualmente é uma tradição judaica e a comunidade cristã primitiva **palestinense** manteve o uso de sublinhar com o jejum a seriedade da oração... (esse costume é totalmente ausente nas comunidades helenísticas). A comunidade de Antioquia, mesmo tendo acolhido crentes vindo do paganismo, ainda conserva alguns costumes próprios da religião hebraica. A esse grupo – que está em Jerusalém e em continuidade com os costumes judaicos – o espírito santo interrompe a celebração (o verbo aoristo *eipen* interrompe a ação que está acontecendo) e a empurra para o futuro da missão:

“Reservai para mim Barnabé e Saulo pela obra a que os chamei...”

Como no final do seu evangelho, para sublinhar com aguda ironia que seus discípulos não entenderam nada da mensagem de Jesus, Lucas escreve que **voltaram cheios de alegria ao templo...** (Lc 24,53), àquele templo que Jesus denunciou e amaldiçoou (Lc 19,46) e que substituiu com sua pessoa! Assim aqui, apesar que o espírito tenha interrompido a celebração feita de orações e jejum, Lucas para sublinhar a incompreensão da mensagem escreve:

“então, após ter jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e se despediram...”

Lc 14,23

Veja supra.

Conclusão

Quase ausente nos evangelhos e no NT o jejum terá sua “glória” nos séculos posteriores, até o ponto de ser introduzido por interpolação no texto do evangelho de Marcos (e de reflexo em Mt 17,21), fato que o revestia de um carisma de respeitabilidade que antes não tinha: era Jesus mesmo que recomendava, além da oração, o jejum para combater os “demônios”.

Reafirmando com o apóstolo Paulo que **“o Reino de Deus não é questão de comida ou de bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo”** (Rm 14,17), e que o único mandamento de Jesus é aquele de nos amar uns aos outros como ele nos amou (Jo 13,34), o jejum faz parte da liberdade do cristão em dispor daqueles meios e instrumentos que achar oportunos para o crescimento de sua capacidade de amar. Meios que pode propor quando os achar válidos, mas nunca impor (como então poderá aceita-los, mas nunca sofrê-los) no respeito às **várias** sensibilidades, culturas e espiritualidades que caracterizam aqueles que creem, vislumbrando a **unidade** mediante a prática de um amor parecido ao que Deus manifestou em Jesus, mas na **diversidade** dos meios usados para alcança-la,

O que constitui a identidade das comunidades cristãs é a mesma qualidade de amor divino traduzido em amor serviço à pessoa humana, como um é o espírito recebido. Os meios para construir e alimentar essa qualidade de amor se diferenciam segundo as culturas e as raças.

Tradução: pe. Tino Treccani – cric

Brazabrantés, 9-2-2016